

A NOTRE-DAME DE PARIS

RIO DE JANEIRO. — OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. — RIO DE JANEIRO.

PREÇO FIXO

E A' VISTA

RUA

LARGO DE

SÃO

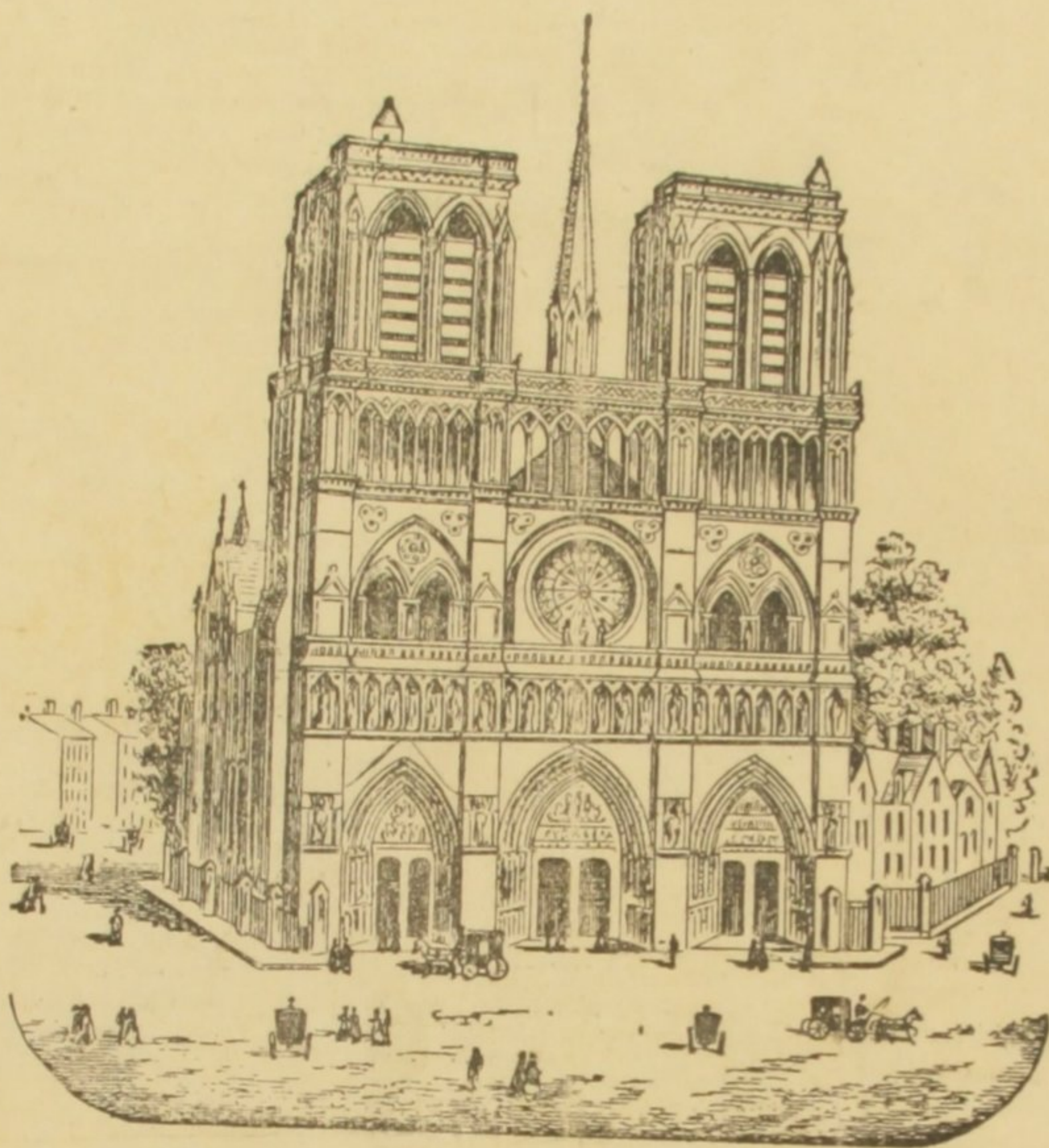
Francisco de Paula

E

TRAVESSA

DO

OUVIDOR



ROSARIO

NOËL DÉCAP

O systema de vender com pequeno lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-DAME DE PARIS.

A este principio, sincera e lealmente applicado, é devida uma aceitação nunca desmentida até hoje. E' franca a entrada no estabelecimento.

Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

Toda e qualquer mercadoria comprada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer compras, quer tomar informações, pedir troca de artigos ou restitução do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles apontar qualquer defeito das mercadorias e afiançar tão sómente as reconhecidamente boas.

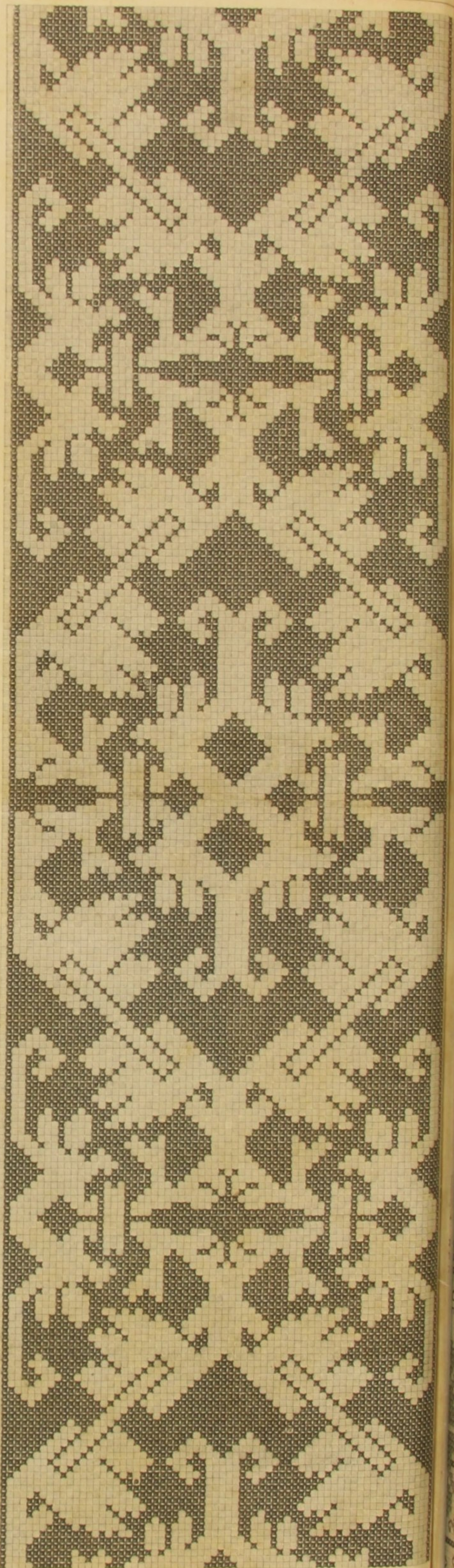
Roga-se ás pessoas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á *Caixa*, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, aiuda as mais afastadas, as amostras e preços correntes que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encommendados e manda por circular aos seus freguezes e ás pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia aviso das *Exposições e Vendas annuaes*.

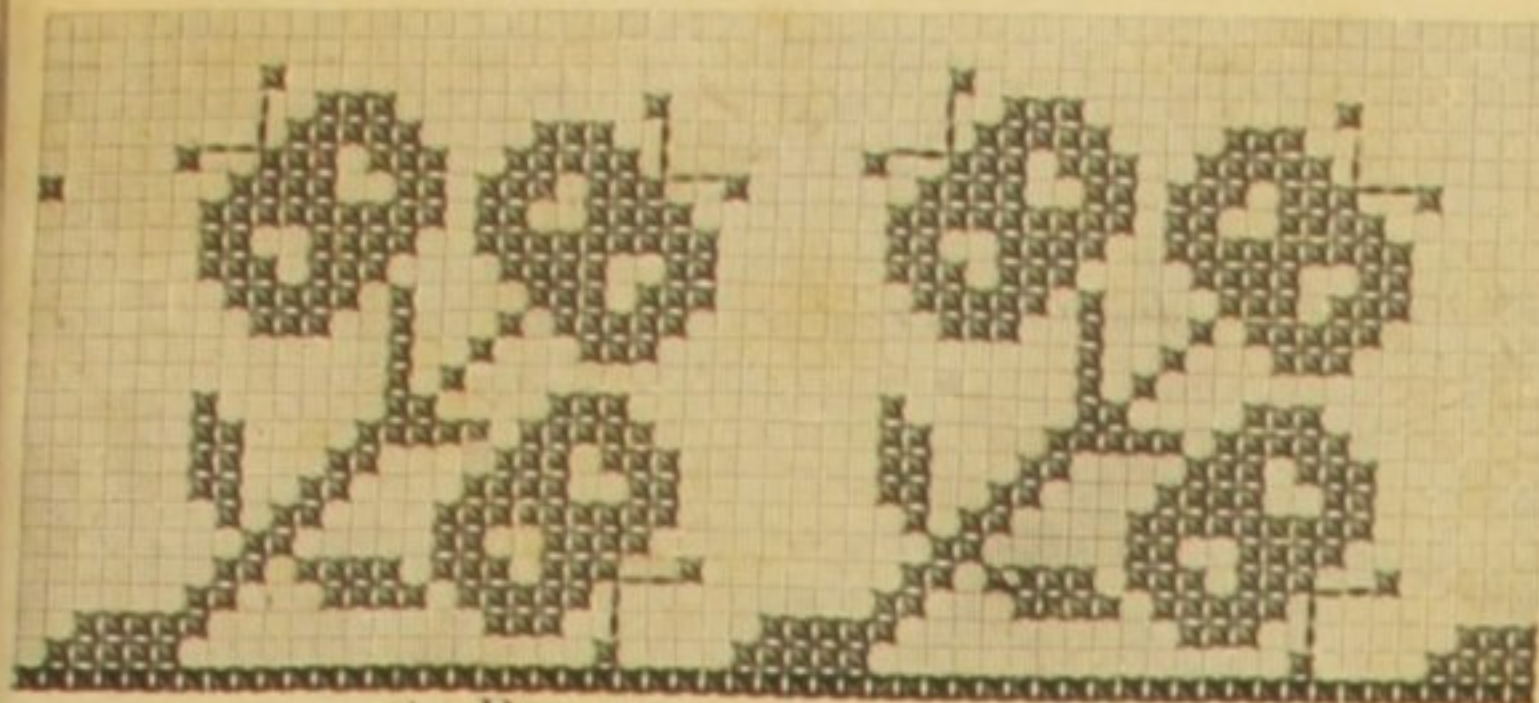
Para as encommendas por cartas, taes como confections e costumes, quer para senhoras, quer para crianças, mandar um corpinho que assente bem.



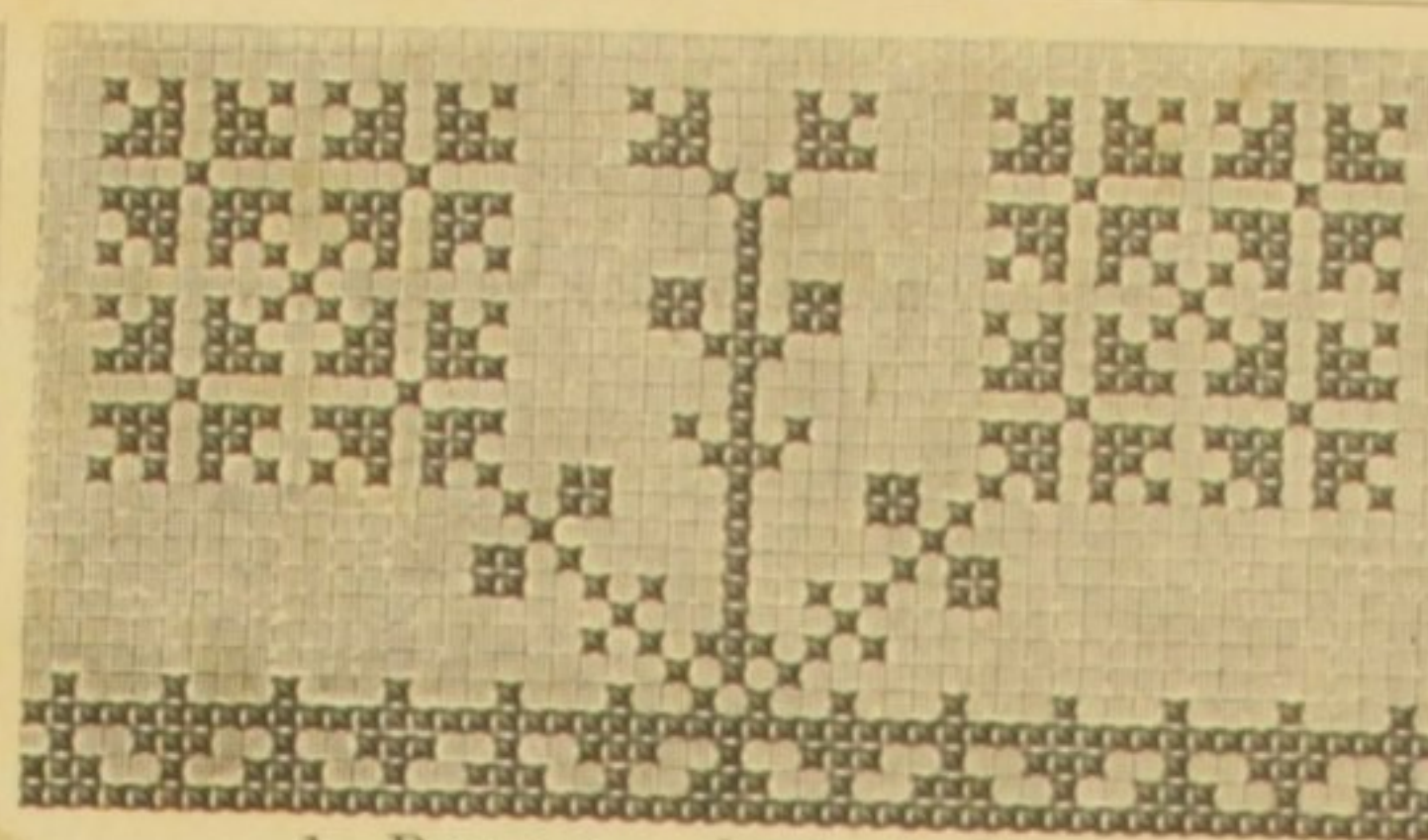
30. Guarnição com campo cheio.



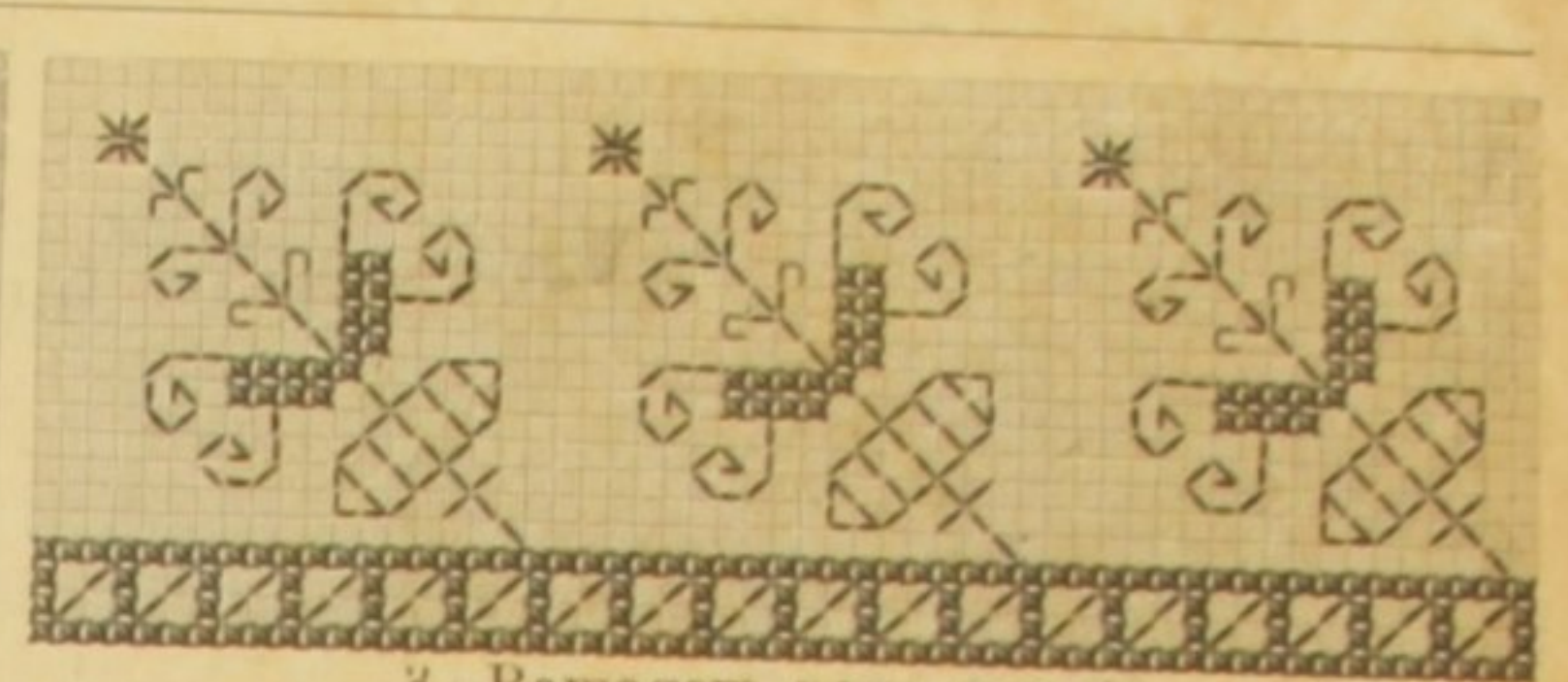
31. Guarnição com campo cheio.



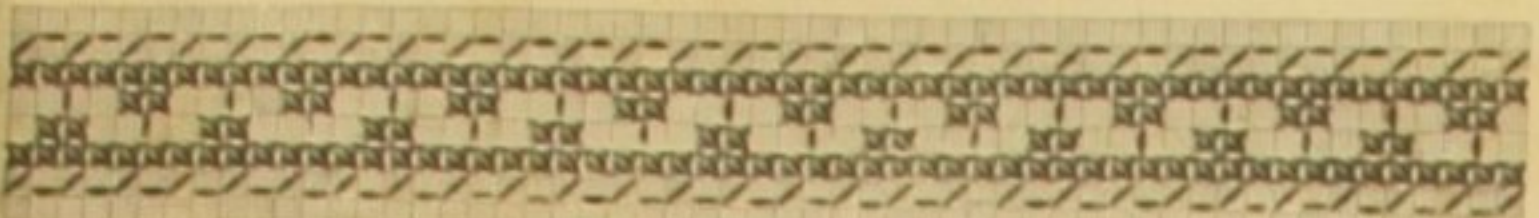
2. Ramagem para remate.



1. Ramagem dupla inclinada.



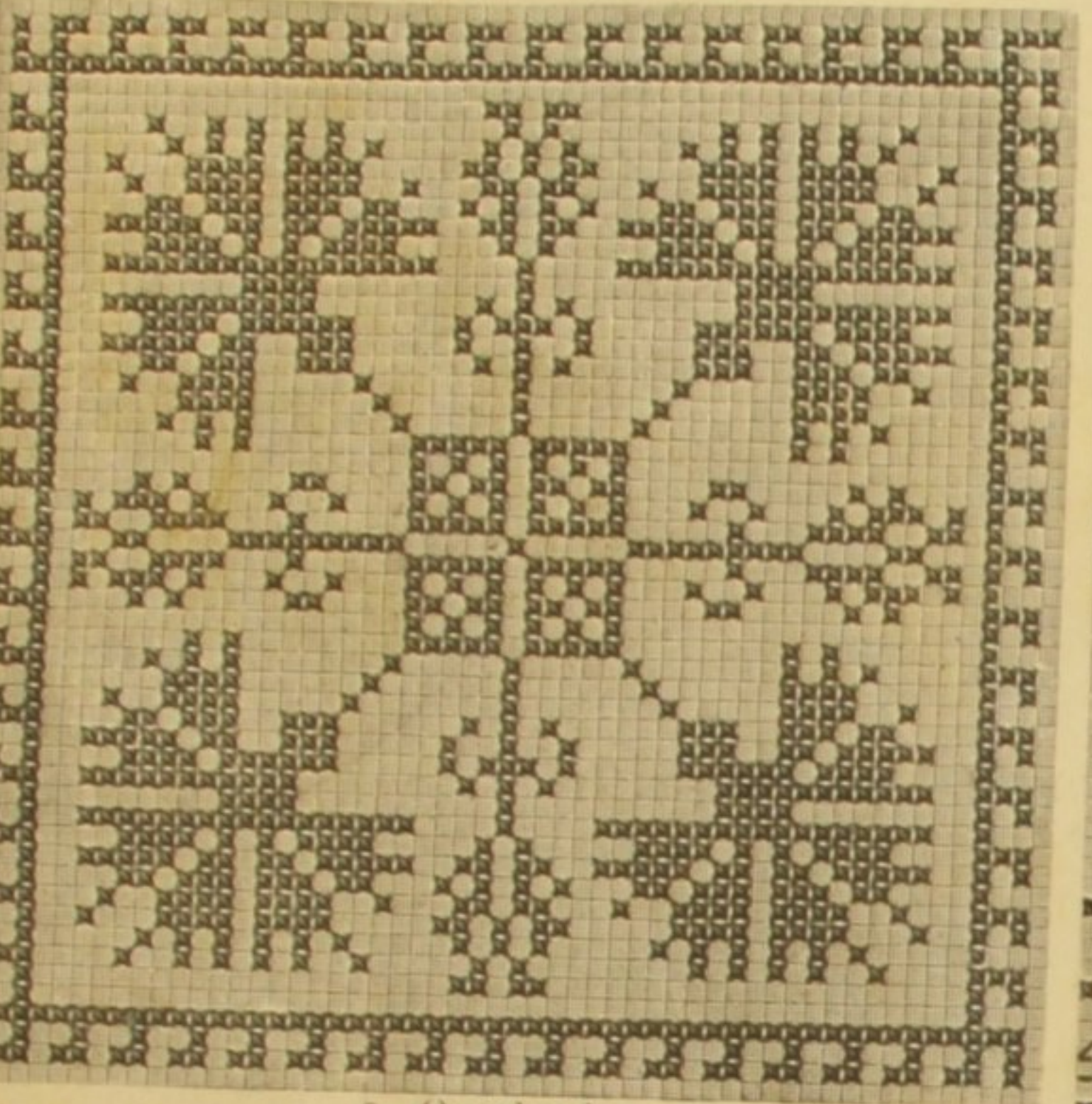
3. Ramagem para remate.



4. Guarnição estreita.



5. Guarnição larga.



6. Quadrado.



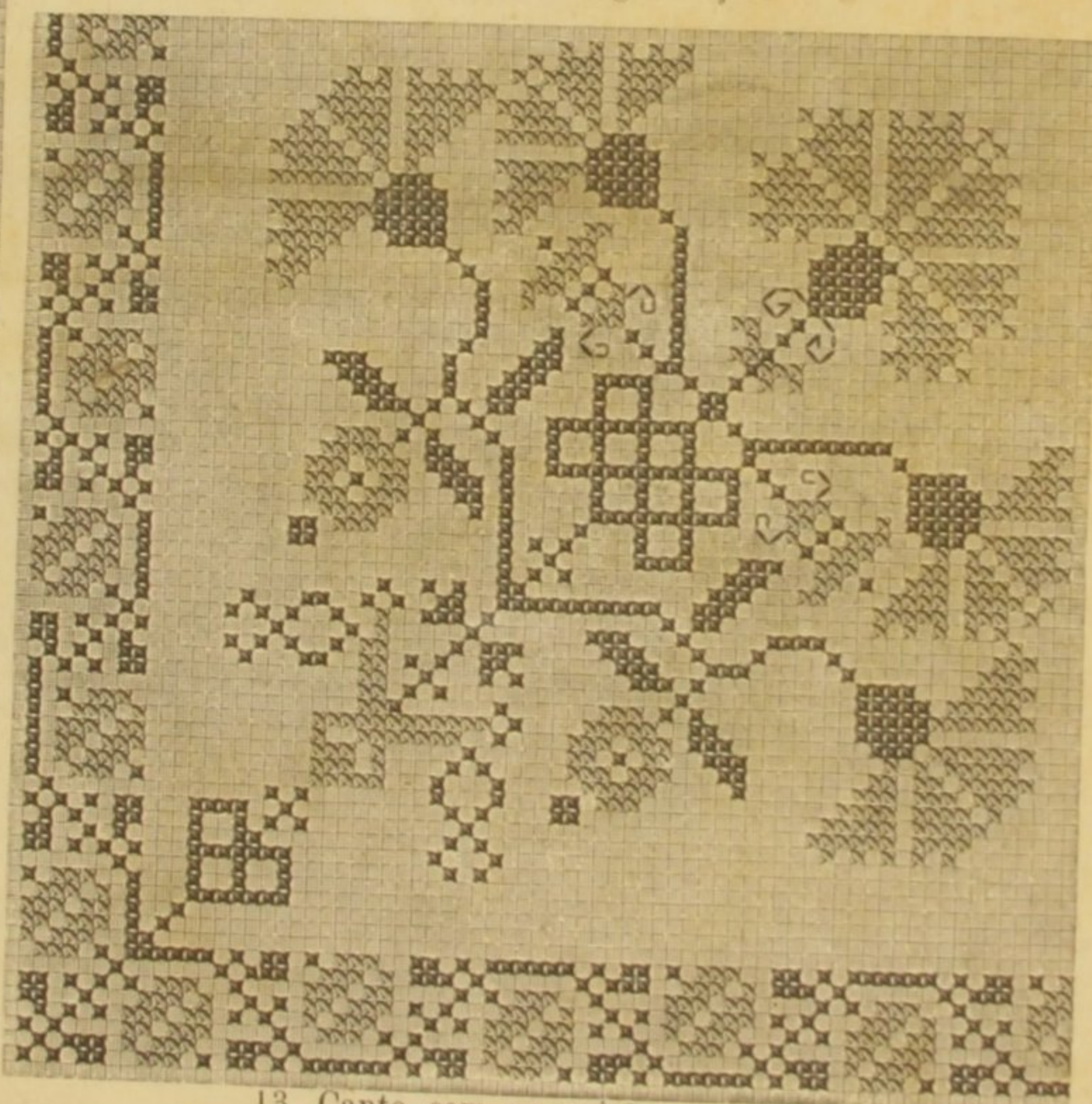
8. Ramagem e guarnição.



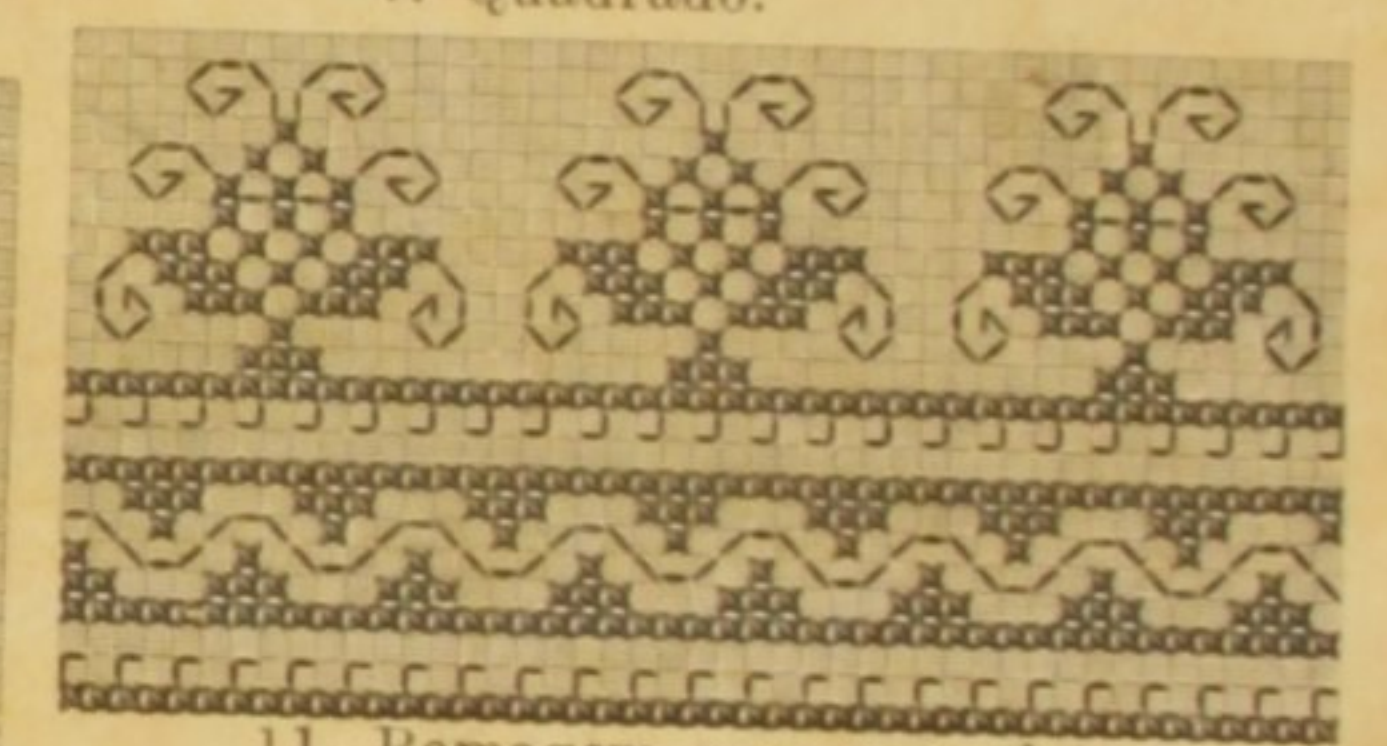
7. Quadrado.



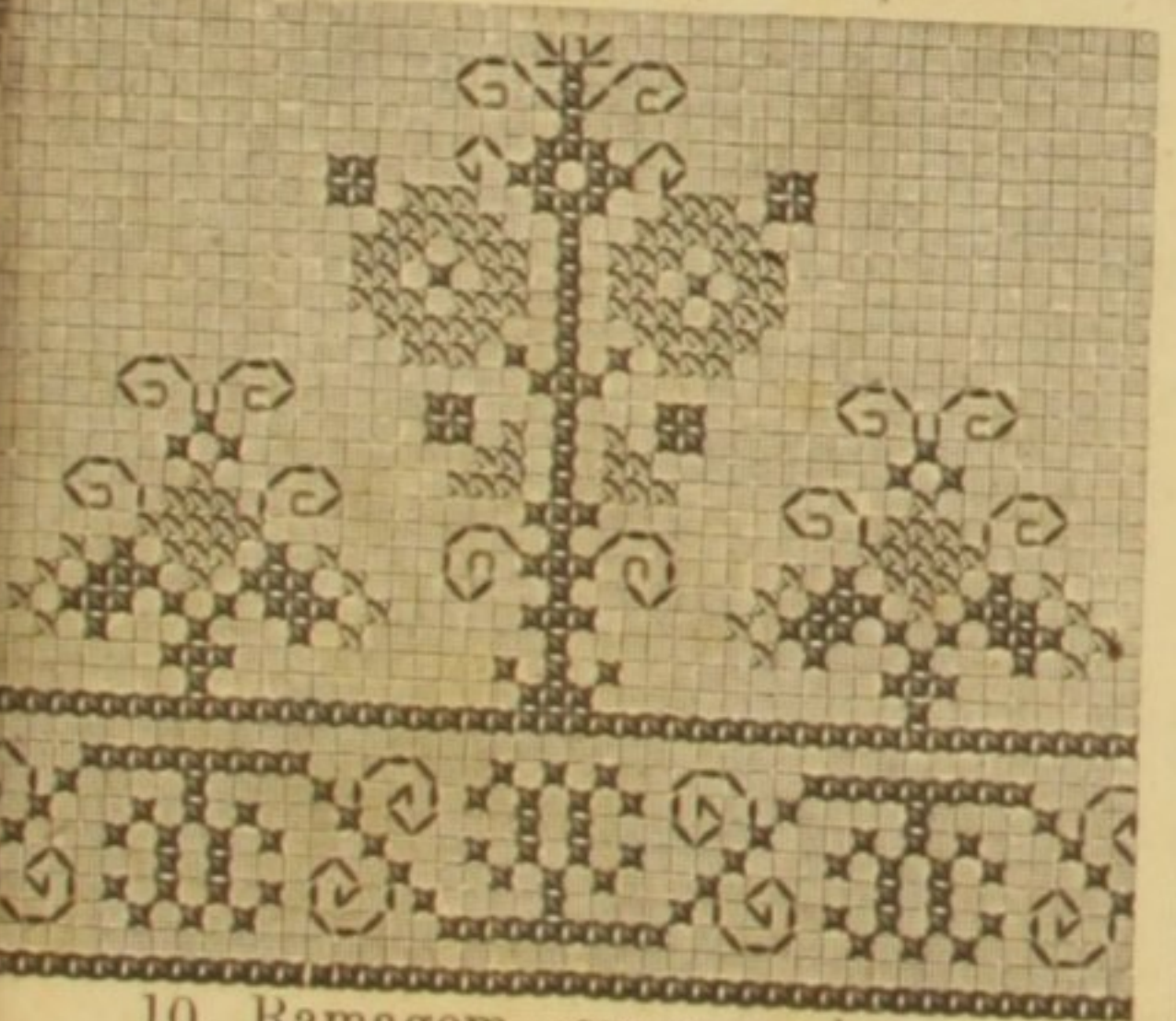
9. Ramagem com guarnição.



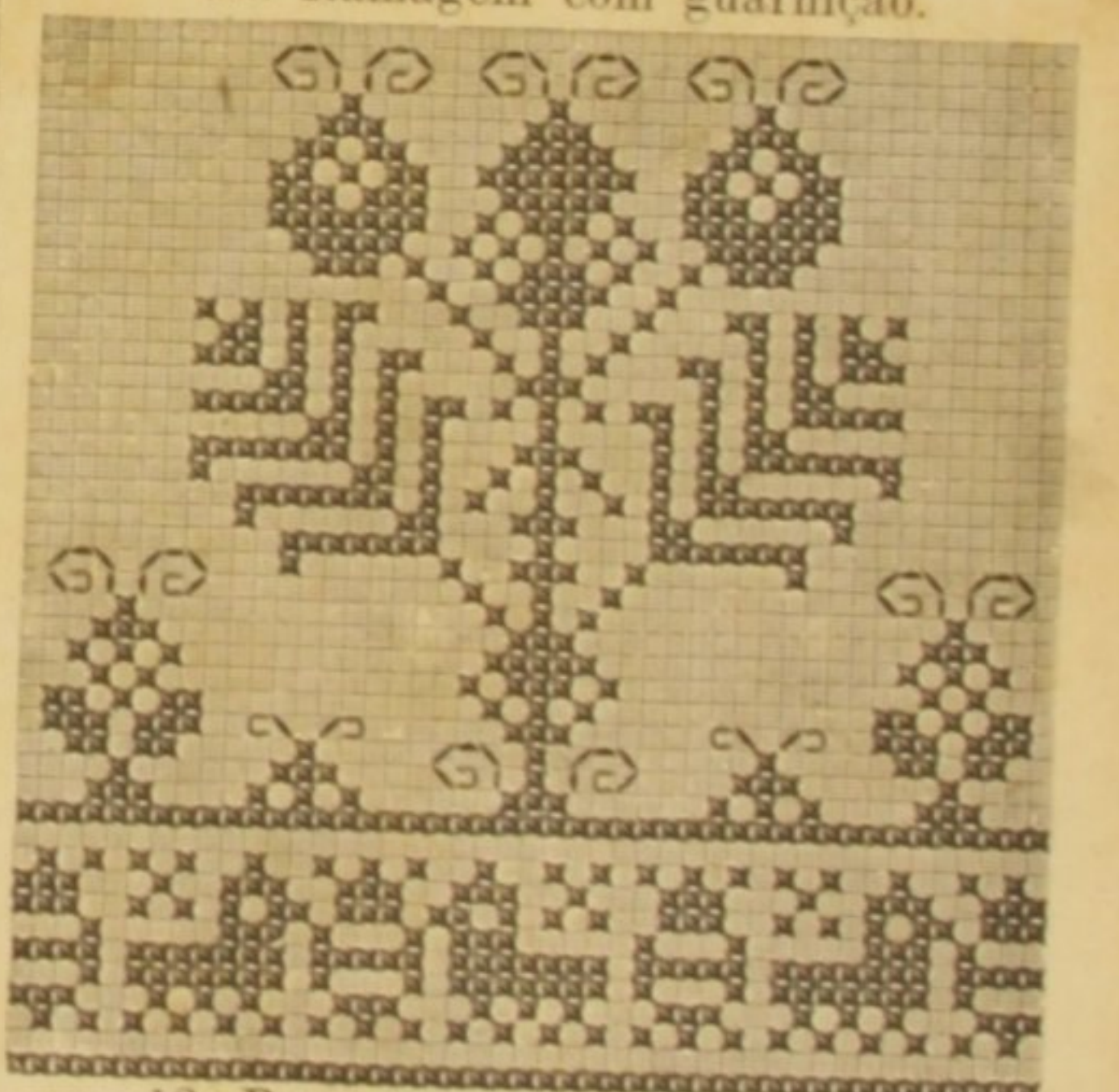
13. Canto com guarnição estreita.



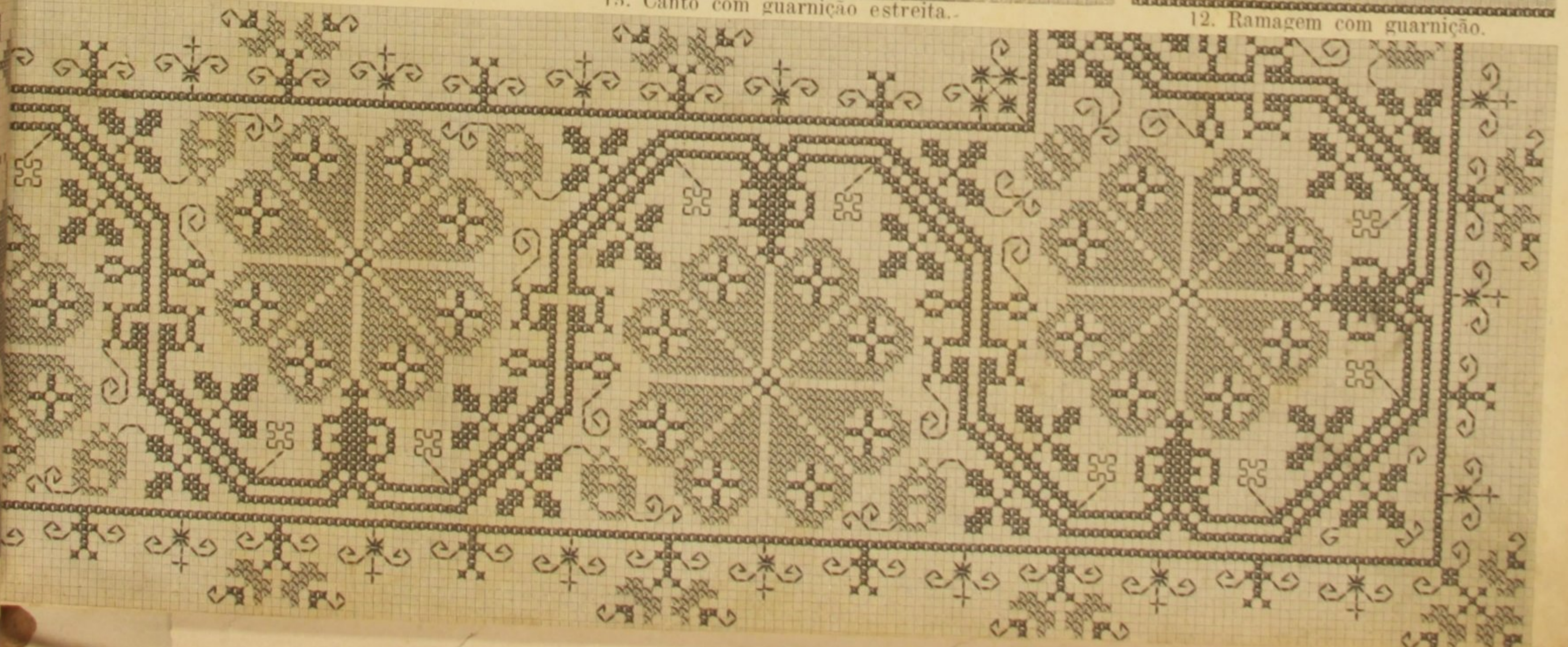
11. Ramagem com guarnição.



10. Ramagem com guarnição.



12. Ramagem com guarnição.



LITTERATURA

O CADERNO VERDE

(Continuação)

IV

Um caderno de capa verde lá estava, como uma joia preciosa.

Ricardo abriu-o e leu no alto da primeira pagina:

IMPRESSIONES E LEMBRANÇAS

Nem cartas, nem bilhetes de namoro; mas do principio ao fim uma bella letra ingleza, elegante e nitida, a letra de Edith... Vergonha e traição! mixto das sensações mais oppostas! alegria pungente e dôr jubilosa! gottas de suor frio e sorriso amargo! Sô se occupava de Leonel de Chateaufieux. Esse caderno era um monumento elvado á sua gloria, um repertorio de amor, o memorandum dos seus actos e gestos, victorias e accões brilhantes.

* Quinta-feira, 6 de dezembro.— Esplendido baile o de M^{me} ***! Comtudo bastaria a ausencia de uma só pessoa para lhe roubar todo o encanto. Logo que entrei—às onze horas—antes mesmo de o ter visto, senti-me como que vencida por um effluvio divino. Estava Leonel no sombrio vão de uma janella, inquieto, contolando os minutos, devorando com o olhar a porta que me devia dar passagem. Pobre amigo! desejava-me a mim, como eu o desejava a elle! No meio da multidão estamos sós, isolamo-nos pelo pensamento, bastamos um ao outro... Assim como elle é tudo para mim, assim eu sou tudo para elle. Que superioridade! que nobreza! Será Leonel da mesma essencia que todos esses rapazes pretenciosos, parvos, insolentes, palafreiros de luvas amarellas, manequins de alfaiates e caniseiros, que visam a elegancia e não alcançam mais que o ridiculo? A velha duquesa de B^{***} pediu-lhe o braço para percorrer os salões; acompanhou-a com deferencia, respeito graciosos, dignos do grande seculo... Como abenço a minha estrella! Entre tantos corações que o disputavam só o meu distinguui!

* Domingo, 9 de dezembro.— Vôlto de S. Roque. Leonel offereceu-me agua benta. Tirei a luva; e o contacto dos seus dedos fez-me estremecer... fóra á igreja por amor a Deus e a mim. Sim, por amor a Deus, porque, sem ostentação nem hypocrisia, Leonel tem a fé nos seus antepassados e a humildade dos homens fortes. A sahida da igreja trocámos algumas palavras rapidas... Lá estavam os seus pobres, velhos que se não desaccommodam para irem ao seu encontro; esperam-nô, porque sabem que não serão esquecidos; e a esmola, que lhes dá dissimuladamente, parece antes que a recebe... Subjugou-me uma idéa louca, supersticiosa; corri a uma boa mulher que ainda tinha a esmola na mão tremula, e tomei-a como uma ladra... Com a differença de lhe ter dado uma moedinha de ouro... Tenho uma reliquia d'elle... oxalá me felicite!

* 12 de dezembro.— Partiu para a caça; passarei alguns dias sem vê-lo... Como está deserto Paris! Recusei um baile e um concerto...

* Sabbado, 22 de dezembro.— Cahindo do cavallo, um dos seus amigos esteve a ponto de ser estripado por um javali. Temendo errar o alvo, Leonel não se atreveu a desfechar o tiro; cresceu para o terrível animal, com a faca de caça na mão e fêl-o morder a poeira... Sêde bemdicto, meu Deus, porque o salvaste!...

* Quinta-feira, 27 de dezembro.— Leonel voltou; jantamos junctos em casa de M^{me}.... Não nos protegeu o acaso: ficámos nas extremidades da mesa. Enquanto eu o via occupado em servir as suas vizinhas,—os meus vizinhos, sem darem pela minha presença, fallaram de politica por cima de minha cabeça.

Edith e o sr de Chateaufieux encontravam-se muitas vezes; era o que resultava de uma longa serie de notas analogas e approximadas em datas.

As entrevistas multiplicavam-se ao infinito; viam-se em toda parte: no bosque de Bolonha, onde esse abominavel Leonel montava sempre admiravelmente cavallos fogosos, doces ao seu jugo; nos theatros, nos concertos, nos sermões da quaresma, na exposição das bellas-artes, nos bazares de beneficencia onde, em troca de um raminho de violetas, de uma taça de champagne, o sr marquez despejava principescamente a bolsa na mão enluvada das nobres bemfeitóras.

Sirilhantes posições não se definem sinão mais tarde; o primeiro momento é da vertigem.

Comtudo, devia contar com essa catastrophe; embora as apparencias digam sim, ha sempre uma vozinha sceptica que diz não.

Como fóra indignamente enganado por aquellos velhos na apparencia tão honrados! Ainda os Frémont tinham desculpa: queriam vêr-se livres de uma rapariga sem juizo! Mas o que fizera elle a M^{me} Vergue para que, entre tantos outros, lhe desse essa preferencia pouco lisongeira? Julgara-o pois o mais tolo, o mais cego, o mais facil de enganar? Sim, porque a culpada era M^{me} Vergue... Agora que se lembrava, Edith fóra-lhe positivamente mettida á cara.

Embora entreue a essas reflexões tardias, Ricardo, invencivelmente attrahido para o abyssmo, lia, lia sempre...

* 6 de agosto, 1870.— Não, não quero que parta, que se exponha... Intrepido como é, correria a uma morte certa... e o que será de mim? Mas como suste o impeto desse intrepido coração, cujo logar bem sei que é nas fronteiras em face do inimigo...? Vou rezar uma novena a N. S. das Victórias.

(Continúa)

POESIA

A RÉDE

O céu é côr de chumbo,
Deserto é o paúl!
Nas nuvens grossas d'agua
Nem uma nesga azul!

Toucados 'stão os montes,
Altivos pinulos, serra...
O ar é insalubre,
Fareja o gado a terra!

A tempestade é proxima:
Passa o fuzil distante;
Ha lividez no espaço
Sob o negror possante.

O firmamento lugubre,
A claridade baça,
E' qual d'um globo aceso
A luz entre a fumaça.

Lá n'um casebre, ao tronco,
Alguem então morria...
O regougar dos ventos
E' prece de agonia.

Trabalha, sim, trabalha,
Escravo, o pouso é certo;
Cáe-te a enxada ao eito?
Já tens teu posso aberto!

A surra!... A surra aos ferros
Quanto captivo leva!
E resta um mar de sangue,
Que cobre humana treva.

A treva... E ella, a escrava,
Ao eito está de pé;
Grilhão que mais prendera
Ao mundo o vil galé.

Desce eminencia humida
A funeraria réde;
Do panner escapa o sangue
Qual agua a um labio em sêde.

Balança a réde e geme
Rangendo ao caibro forte...
Ao hombro de dous homens
A escravidão e a morte!!...

Mas, onde, aonde levam
Esse caixão aereo?...
Silencio! Um morto passa
Sem pranto ao cemiterio.

« — E' meu marido!!... » O açoute
Dardeja — um corpo cáe!
Rôla o trovão no espaço...
E vae a réde... e vae...

MELLO MORASS FILHO.

A CIDADE E OS THEATROS

O Rio de Janeiro apresenta, a cada mez, uma physionomia especial, um caracter novo.

Para um observador, mais paciente do que eu, seria mesmo um bello estudo a fazer, o das physionomias diversas que toma a nossa boa idade durante o seu gyro annuo em torno do sol.

Em maio, por exemplo, o mez de Maria, o Rio de Janeiro foi pura ou essencialmente religioso, para empregar o adverbio em moda. Agora em junho, já a sua physionomia é meio mudana, meio religiosa, mais mundana mesmo do que religiosa.

Celebraram-se muitos sautos, é verdade, muito se festejou Sant' Antonio, São João, São Pedro; mas profinamente, alegremente se assim ousou exprimir-me, sem as ladainhas nem os padrenossos, com que nós, os christãos pela graça de Deus, costumamos commemorar os inquilinos do *Flos sanctorum*.

A mim, confesso, não me desagrada essa variedade de caracter. Pelo contrario, a variedade deleita, e n'este mundo tudo tem a sua epocha, a sua hora: a devoção como o prazer, o padrenosso como o sarau,

*Le bonheur est dans l'inconstance
Elle seule embellit nos jours,*

escreveu Scribe, depois de muito experimentado nas cousas do mundo.

Tudo passa, tudo se transforma.

O São João de hoje tambem já não é o São João de ontem — eu fallo do São João, festa, e não do São João, parente de Jesus — as fogueiras foram-se, como os deuses, e as moças já não tiram sortos nem fazem adivinhações.

As sortes e as adivinhações...

Entretanto que influencia não exorcera outr'ora o livro de sortes e as adivinhações! A menina, apaixonada e crente, consultava religiosamente o livro do destino, para saber se era correspondida; as mais innocentes esperavam, tremulas, anciosas, que o primeiro pobre lhes viesse o nome d' *Elle*, o venturoso e futuro esposo; e era preciso ver como algumas se cingiam a esses oraculas com o fatalismo do arabe! Se a sorte era adversa, se o nome não era o do escolhido, era forçoso soprar a paixão, impor silencio ao coração.

Será preciso lamentar tudo isso?

Hoje, o systema é outro, mais pratico, mais positivo, o mundo marcha, é preciso marchar com elle. Já ninguém espera a sorte, cada uma faz por si mesma a sua escolha e

insiste n'ella, e teima até, como acaba de acontecer, se fazer disputar á familia, judicialmente, por meio d'um meirinho, armado de papel sellado!

Nem tanto amar assim...

Mas devo fallar-vos d'este facto intimo, leitora?

A chronica nunca perde os seus direitos. Seria fallar a todos os meus deveres de chronista não fallar do incidente amoroso, de que se tanto se occupou a galanteria fluminense; mas...

Mas o respeito á vida privada? mas o acatamento á dôr d'uma familia inteira, á qual a justiça—ou o amor—acaba de arrancar a unica filha querida e idolatrada?

E depois, que vos importa mais um romance de amor? E' sempre a mesma historia: uma Margarida de menos no seio das familias, e — cumpre esperar d'esta vez — uma familia de mais na communhão social. Nem todos os Faustos são tão ingratos como o de Goethe, e desde que nol-o dão mais correcto e mais moralizado, a sociedade nada tem a perder, nem a virtude de que se arripiar.

Um ponto na linha e outra ordem de ideias.

A novidade, a boa novidade theatral foi a estreia da companhia dramatica italiana, no São Pedro de Alcantara.

Uma boa companhia! completa, igual tanto quanto é possivel e com um bello e variado repertorio, em que ha para todos os paladares, e bem ensaiado e bem sabido e por conseguinte bem desempenhado.

Não vos aconselharei entretanto todas as suas representações indifferentemente; tenho as minhas preferencias. Já a vi no drama, na tragedia e na comedia, e, apreciando-a embora e muito em qualquer d'esses tres generos, sobretudo no drama e na comedia, na comedia fina, e bem visto, que mais a admiro. A Sra. A Tessero, eximia, admiravel na interpretação de Maria Stuart, de Schiller, excedeu-se ainda, se é possivel, na reproducção do papel de Dora do drama do mesmo nome e especialmente no de Cypriana da magnifica comedia de Sardou.

Quero fallar de *Divorziamo* — *Divorçons* — a ultima producção theatral que tão justo successo tem alcançado em todas as scenas.

E' bem simples, commum até, o facto que serve de araboço a esta bella comedia. Cypriana, uma joven romantica, casa-se e, como tantas outras, não encontrando no casamento a continuação do romance encetado na epocha do noivado, aborrece-se da vida feliz, mas prosaica que tem no lar domestico.

Isto, creio, deve succeder bem commumente, mesmo fora do theatro.

D'ahi a ella aceitar a corte d'um Don Juan, bem pouquista; mas, o dever impedindo-a de morder a maçã prohibida, só lhe resta uma esperança, o divorcio que se discute na camara.

Por um expediente do seu adorador, Cypriana chega a crer que o divorcio foi approved, e o seu primeiro movimento é propor separação ao marido, o qual, conhecendo a falsidade da noticia, finge aceitar da melhor vontade.

Tudo está combinado; ella é emfim livre, o marido já não lhe é um peso obrigado.

Este, que representa uma comedia, mostra-se alegre e começa a usar da sua liberdade, fazendo a corte a uma amiga de Cypriana.

Dois sentimentos, o egoismo e o ciume, — que me perdõe a leitora — bem peculiares á mulher entram então em jogo. Cypriana sente-se por ver que o seu marido não está triste com a separação e enfurece-se de ciume por vê-lo cortejar outra mulher, e sua amiga!

Eis ahi o ponto culminante da peça. Autor e artista dão-nos com uma verdade admiravel as attribuições de Cypriana, que vai até arrepende-se e não quer mais o divorcio.

O papel de Cypriana, como toda a comedia aliás, está escripto com grande maestria e espirito, e a Sra. Tessero foi adoravel de graça, de arte e de verdade, reproduzindo com fidelidade até ás nuances. E' impossivel elevar a arte mais alto do que ella, quando começa a dizer mal da amiga que tem todos os defeitos imaginaveis.

Emfim, é uma comedia magistralmente escripta, scintillante de espirito e de bello humor, e admiravelmente bem interpretada.

Outra novidade theatral.

Não me foi possivel ouvir a distincta violinista Camilla Urso, no seu concerto de estrêa no Pedro-Segundo, só a sua graciosidade devo o prazer de ter admirado mas na intimidade o seu grande talento; mas devo por isso deixá-la em silencio?

Ella foi aliás bastante amavel para me tocar todas as composições que dois dias antes havia executado para o publico. Assim as notas cabiam-me em maior quinhão, e sem a confusão da orchestra que, parece, andou em completa desharmonia com a distincta artista na noite do seu concerto.

— Fui bem infeliz na sua terra, queixou-se ella; não tive nem theatro onde tocar, nem orchestra para me acompanhar, nem publico para me ouvir.

Entretanto, a Sra. Camilla Urso merecia bem tudo isso; é uma artista de grande merecimento, boa eschola e que executa com surpreendente maestria os trechos os mais invenciveis.

A leitora fallou d'esta vez ás corridas do Prado Fluminense; as archibancadas estavam quasi desertas.

Havia pouca gente, pouca animação, poucas toilettes; mais muito bonet hungaro, creio mesmo que não havia senão bonet hungaro.

E' a moda ou o capricho da moda, e realmente de bom gosto. Reune a graça ao bom gosto e dá uns ares alegres e faceiros á dona — se ella é moça, entenda-se, porque nas velhas, como eu tive occasião de observar, é horrivel, justamente ella não o havia quebrado d'um lado, o que lhe dá toda a graça, de modo que fazia o effeito d'um cogumello que cresceu em toda liberdade.

Decididamente, tudo tem a sua epocha.

DANTAS JUNIOR